



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## SÓ PARA MENINAS: O MOVIMENTO BANDEIRANTE E A DIVISÃO DE GÊNERO NO ESCOTISMO

*Andressa Barbosa de Farias Leandro*

*Universidade Federal de Campina Grande-UFPG*

*andressa-leandro@ig.com.br*

**Resumo:** A partir de 1909, observa-se uma divisão de gênero dentro do Escotismo, que ocorre com a fundação do Girl Guides, uma versão feminina do Movimento Escoteiro. Idealizado por Baden-Powell para atender as garotas que reivindicavam um lugar nas tropas escoteiras, o Girl Guides vai ser caracterizado como um Movimento tipicamente feminino, voltado para desenvolver o caráter, a destreza e as habilidades das moças inglesas, responsáveis por educar os futuros filhos da nação. Assim, como ocorreu com o Escotismo o Girl Guides, logo se popularizou entre as moças inglesas e rapidamente chegou a outros países. No Brasil, o Girl Guides ou Guidismo foi chamado de Movimento Bandeirante. Este Trabalho tem como principal interesse refletir sobre a fundação do Movimento Bandeirante e a divisão de gênero que ocorre dentro do Escotismo, procurando demonstrar como o processo de coeducação possibilitou que as mulheres adentrassem nesse espaço culturalmente masculino.

**Palavras-chave:** Escotismo, Gênero, Movimento Bandeirante.

### **Introdução**

O Escotismo surge no início do século XX, mais precisamente no ano de 1907, por iniciativa do general inglês Robert Stephenson Smithy Baden-Powell. Ao criar o Escotismo, Baden-Powell estava pensando na educação dos meninos ingleses, que se encontravam sem perspectivas em meio a crimes, vandalismo e vícios.

Em um contexto imperialista<sup>1</sup>, no qual as nações europeias demandavam jovens fortes para que pudessem defender suas fronteiras, a Inglaterra um país antes conservador, estava vivendo um momento de crise dos valores morais. O cenário era de depressão no comércio, queda nos salários e desemprego. Pesquisas revelaram que nesse período, 30% da população de Londres encontrava-se desnutrida e que apenas um quarto dos dois milhões de

---

<sup>1</sup> Entre o ano de 1880-1914, o mundo com exceção da Europa e da América, foi dividido entre as potências capitalistas: Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália, EUA, Japão e Rússia. Mais de um quarto do mundo estava sob o controle direto, ou como área de influência política desses países. Esse movimento foi denominado de imperialismo ou neocolonialismo. Ver HOBSBAWM. A Era dos Impérios: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed., 2002.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

adolescentes tinham uma “boa influência” no período em que não estavam na escola (BOULANGER, 2011, p. 158).

A crise dos valores morais acometia não só a Inglaterra, mais também toda a Europa. No início do século XX, os recentes Estados nacionais, passaram a creditar na infância e juventude a regeneração da sociedade, o que resultou na popularização de diversas organizações juvenis, responsáveis por combater os maus comportamentos e pela difusão dos valores nacionais, caros a sociedade naquele momento (NASCIMENTO, 2004). Para Baden-Powell, a regeneração da sociedade inglesa estaria atrelada a uma juventude sem vícios, desse modo, urgia desenvolver o copo e o caráter desses jovens, para que eles fossem uteis a nação. É nesse contexto em que o Escotismo é idealizado.

O Escotismo logo se expandiu para outros países. De acordo com Nagy (1987), já no ano de 1908, são organizados grupos de escoteiros no Canadá, Austrália, Noruega e Nova Zelândia e em 1910, é implantado o escotismo na Índia, Argentina, Chile, Noruega, Suécia, Estados Unidos e Brasil. Para Nascimento (2004), o grande sucesso e a rápida difusão alcançada pelo escotismo, no início do século XX, justifica-se pelo fato do projeto de Baden-Powell contribuir com um tipo de educação que produzia sujeitos integrados aos ideais nacionais, servindo de vetor de nacionalismo político para essas nações no período entre guerras, inclusive o Brasil.

Entendemos que o Escotismo surge como um movimento tipicamente masculino, no qual o corpo, a virilidade se articulam a formação do caráter. Já o Girl Guides<sup>2</sup>, uma versão do Escotismo para as meninas, posteriormente criado por Baden-Powell, vai estar atrelado a feminilidade, a delicadeza e o instinto maternal. No Brasil, o Girl Guides vai ser denominado de Movimento Bandeirante. Não obstante, sendo um espaço de educação, ainda que seja não formal, o Movimento Escoteiro é permeado por um conjunto de práticas e estratégias, cujo objetivo é a construção de sujeitos idealizados pelo discurso do poder institucionalizado.

---

<sup>2</sup> Baden-Powell escolheu o nome Girl Guides, inspirado em um corpo de guias indianos que se distinguiam devido a sua habilidade e criatividade diante das dificuldades. Famosos pela sagacidade e coragem, eles eram treinados para aceitar qualquer missão que lhes eram confiada e sempre estavam dispostos a assumir qualquer desafio. Não obstante, simbolicamente, guias são aqueles que conhecem o caminho e lideram outras pessoas (BOULANGER, 2011).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Interessa-nos então problematizar como, a partir das discussões de gênero, o Escotismo se adequou para inserir a mulher em suas fileiras.

### **Metodologia**

Para a concretização desse estudo, realizamos um levantamento bibliográfico sobre as obras que versam sobre o Escotismo, o Movimento Bandeirante e a coeducação. A pesquisa foi subsidiada ainda, pelo referencial teórico de Michel Foucault (2008) sobre a análise do discurso e de Joan Scott (1990) sobre gênero. O cruzamento do referencial bibliográfico e teórico nos possibilitou problematizar as relações de gênero no Movimento Escoteiro.

### **Resultados e Discussões**

Verificou-se que em uma sociedade, na qual para as meninas era relegado o espaço privado e as atividades essencialmente domésticas, a fundação do Girl Guides, vai ser considerado uma inovação na época, visto que, pelo menos teoricamente, as meninas fariam atividades culturalmente apropriadas para os meninos, como por exemplo, acampar.

Segundo Boulanger (2011, p. 219), a criação do Girl Guides vai ser acelerada pelo episódio ocorrido em um encontro de escoteiros, no Palácio de Crystal, em Londres, em 4 de setembro de 1909<sup>3</sup>. Durante esse encontro, garotas vestidas de “escoteiras” manifestaram para Baden-Powell, a vontade de participarem do Movimento Escoteiro<sup>4</sup>. Ainda de acordo com o autor, As garotas foram tão atraídas pela ideia do Escotismo quanto os garotos, “elas não queriam ficar de fora do grande jogo e das diversões experimentadas pelos seus irmãos”. As meninas inglesas leram os textos sobre o Escotismo, que eram destinados aos meninos, e mesmo sem as colaborações de adultos, adaptaram as atividades escoteiras, se organizaram em patrulhas e começaram a praticá-las (NASCIMENTO, 2008).

---

<sup>3</sup> Esse encontro reuniu 11 mil escoteiros para uma demonstração técnica do Escotismo.

<sup>4</sup> As garotas estavam vestidas com uniformes semelhantes aos dos Escoteiros, inclusive elas usavam lenços nos pescoços. Várias patrulhas formadas por meninas estavam presentes no Palácio de Cristal, contudo, a porta voz delas foi Marguerite de Beuamont, monitora de uma das patrulhas (NASCIMENTO, 2008).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Consoante Nascimento (2008), Baden-Powell vai chamar as garotas de Guias, aquelas que guiam o caminho. Ele vai escrever Handbook for Girl, uma versão do Escotismo para Rapazes, que logo se popularizou entre as moças inglesas. A figura de Agnes Baden-Powell, irmã de Baden-Powell, vai ser de suma importância para o Girl Guides. Naquele período, Baden Powell não dispunha de tempo para se dedicar ao movimento das Girl Guides, devido a expansão do Movimento Escoteiro que ocorria naquele momento, por isso, ele pediu ajuda de sua irmã para dirigir o Movimento. Agnes, então com 50 anos, conhecida na sociedade inglesa por ser irmã de Baden-Powell e pela sua dedicação as causas humanitárias, pelo amor a natureza e o cuidado com os pássaros, insetos e as flores, transmitiria as mães a tranquilidade necessária para que as mesmas, confiassem a educação de suas filhas ao Movimento. Em 1912 é fundada a Associação Inglesa das Girl Guides, presidida por Agnes. A partir de 1916, a direção do Girl Guides, vai ser confiada a Olave Baden-Powell, esposa de Baden-Powell.

Baden-Powell argumentava que saúde da alma e do corpo da futura geração, dependia mais da mulher do que do homem, por isso, defendia um programa de educação e não apenas de instrução para ela. O programa do Girl Guides, desenvolveria o caráter e a cidadania assim, como o programa dos escoteiros, contudo as atividades deveriam estar centradas mais em práticas femininas do que ao ar livre, ou seja, conforme Baden-Powell (1993, p.6) “O princípio sobre o qual repousa a organização é o mesmo para menino e meninas, ainda que os detalhes sejam diferentes”.

Inicialmente o Guidismo, vai ser acusado de masculinizar as meninas. Em contrapartida, a admissão de meninas no Escotismo, levariam os rapazes a passar a considerarem o Escotismo uma atividade “leve” e “fraca”. (BOULANGER, 2011, p. 193). Essas discussões sobre gênero resulta de práticas discursivas que constroem os sujeitos. Para Foucault (1997, p. 11-12), as práticas discursivas [...] ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõe e as mantém.”

Para Scott (1990) é necessária a desconstrução “do caráter permanente da oposição binária” masculino-feminino, visto que, o pensamento dicotômico e polarizado usados para



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entender os gêneros leva, à lógica de dominação-submissão. Nesse sentido, Louro (1997, p.28) argumenta que, a noção de gênero é construída a partir da identidade do sujeito, que por sua vez, se constrói de forma multifacetada e plural:

As identidades [...] estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser ou estar no mundo.

Já Goellner (2010) assevera que, diferentemente do termo sexo, que é utilizado para diferenciar as características anatômicas que diferenciam homens e mulheres, o termo gênero é uma condição social que possibilita nos identificarmos como masculino e/ou feminino. Essa discussão sobre a dicotomia masculino-feminino dentro do Movimento Escoteiro resulta em uma separação de gênero, notadamente, evidenciada pela criação do Guidismo.

Essa separação de gênero dentro do Movimento Escoteiro também repercutiu no Brasil. As discussões de gênero dentro do Escotismo brasileiro, leva a Associação de Escoteiros do Brasil (AEB) a criar em dezembro de 1914, o Departamento Feminino em São Paulo. Sob o comando de Kathleen Crompton, o Departamento Feminino será o “pontapé inicial” no processo de implantação do Girl Guides no Brasil. Kathleen Crompton reúne um grupo de senhoras da elite paulista, entre elas, Anna de Queiroz Telles Tibiriçá, Olívia Guedes Penteado, Henz Coachman, Carolina Penteado da Silva Telles, Albertina Guedes Nogueira, Amélia Sabino de Oliveira e Flora Jaguaribe Ekman e funda no ano de 1915, a Associação Brasileira de Escoteiras, que vai ser de grande relevância para o desenvolvimento do “escotismo feminino” na cidade de São Paulo. A Associação Brasileira de Escoteiras vai instalar a Escola de Chefes Escoteiras, que oferecerá cursos de prenda domésticas, costura, cozinha, enfermagem, puericultura, educação física, entre outros (NASIMENTO, 2008).

Somente no ano de 1919, é que é fundado, de fato, o Girl Guides no Brasil. A fundação se dar a partir dos esforços de Jerônima Mesquita<sup>5</sup> e da família Lynch, que possuía um

---

<sup>5</sup> Jerônima Mesquita, cunhada do senhor Lynch, foi nomeada a primeira comandante-chefe nacional. Atuou como enfermeira na Primeira Guerra Mundial. No Brasil contribuiu para a fundação da Cruz Vermelha além de tantos outros movimentos de proteção e auxílio à mulher.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

considerável capital econômico e cultural, sendo renomada na alta sociedade carioca (CARVALHO, 2014).

A família Lynch<sup>6</sup> recebeu uma carta de Olave Baden-Powell, endereçada as mulheres brasileiras, na qual, ela pede para que as mulheres se interessem pela instalação do Guidismo no Brasil. Jerônima Mesquita e os Lynch realizaram no dia 30 de maio de 1919, uma reunião, na qual, participaram autoridades e pessoas da elite carioca, para tratarem de assuntos referentes a organização do Movimento no país. A data 13 de agosto de 1919, é considerada a data que marca a fundação do Girl Guides no Brasil, pois foi nessa data que as primeiras bandeirantes realizaram as suas promessas (NASCIMENTO, 2008). A partir do ano de 1922, o Girl Guides do Brasil, passa a ser chamado de Movimento Bandeirante. O nome “Bandeirante” vai ser sugerido pelo professor e historiador Jonathas Serrano, que se inspirou na história do Brasil, para buscar o sentido pioneiro do Movimento. Posteriormente, é fundada a Federação Brasileira de Bandeirantes, fruto dos esforços de Jerônima Mesquita, Lady May Mackenzie, Eugenia de Barros Lacerda, Monsenhor Rangel, senador Mozart Lago e Clara Santos.

Faz-se necessário ressaltar que, o Movimento Bandeirante era totalmente desvinculado do Movimento Escoteiro, haja vista que, desde a sua fundação, a Federação Brasileira de Bandeirantes (FBB), esteve filiada a World Association Girl Guides and Girl Scouts (WAGGGS), a Associação Mundial das Girl Guides, responsável por reunir todas as Federações de Girl Guides existentes no mundo. Já o Movimento Escoteiro no Brasil é filiado a União dos Escoteiros do Brasil (UEB), uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública<sup>7</sup>, que congrega os Grupos de Escoteiros no Brasil, sendo afiliada a Organização Mundial Escoteira (WOSM).

---

<sup>6</sup> A mensagem chegou ao Brasil por intermédio do inglês Bracley, amigo da família Baden-Powell, que se encontrava no país para tratar de negócios.

<sup>7</sup> A UEB é reconhecida de utilidade pública federal pelos Decreto nº 3.297 de 11/07/1917, reiterada pelo Decreto nº 5.497 de 23/07/1928 e como instituição de educação extraescolar e órgão máximo do escotismo brasileiro pelo Decreto-Lei nº 8.828 de 24/01/1946.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Aos poucos as mulheres foram adentrando no Movimento Escoteiro. Conforme Santos (2013), durante a II Conferência Escoteira Interamericana em 1948 foi adotada recomendação da utilização de chefia feminina nas alcateias. A autora credita ao instinto maternal a participação feminina no Escotismo, ela argumenta que, o discurso vigente da época atribuía a mulher a delicadeza, a sutileza, o cuidado com o outro, sendo assim, ela estava apta para desempenhar a função de akelá, a única permitida a elas. Nesse sentido, Nascimento (2008) assinalou que, as bandeirantes eram convidadas pela associação Católica de Escoteiros, para serem akelás, ou seja, chefes dos lobinhos. As chefias do ramo Lobinho da Federação católica de Escoteiros eram, em sua maioria, mulheres. Para o autor, a função de akelá se caracterizou desde o princípio do Movimento, como uma função feminina.

Nascimento(2008) assevera ainda que, até o ano de 1977, não havia registros da participação de meninas no Movimento escoteiro brasileiro. Somente a partir dessa data é que é oficializado o funcionamento de grupos mistos (grupos formados por meninos e meninas). A partir de então, os documentos oficiais adotam o termo “jovens” para referir-se aos participantes do Escotismo.

O processo de coeducação vai ser responsável por juntar meninos e meninas nas mesmas fileiras. As discussões sobre a instituição das escolas mistas, no ensino escolarizado, durante as conferências mundiais de educação, na segunda metade da década de 1970, possibilitam pensar o Movimento Escoteiro como lugar de coeducação (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). Para União dos Escoteiros do Brasil (UEB, 2008, p.30) a coeducação:

[...] é um processo, no qual meninos e meninas, rapazes e moças vivenciam um plano educacional para atingir um desenvolvimento harmônico da personalidade, favorecendo assim, à educação recíproca, no qual estão presentes os princípios, o propósito e o método de ensino escoteiro.

No Brasil, o processo de coeducação, no Movimento Escoteiro foi implantado entre os anos de 1979 e 1985, a partir de então, os Grupos de Escoteiros passariam, gradativamente, a admitir em seus espaços, lobinhas, escoteiras, guias e pioneiras (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011). Durante esse período, 16 Grupos de Escoteiros experimentais puseram em prática a coeducação, nos ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro. As dúvidas, a respeito da viabilidade da coeducação no Escotismo, foram esclarecidas, através das



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

experiências desenvolvidas nesses Grupos. Para um Grupo de Escoteiro se transformar em um Grupo misto, era preciso optar por uma das alternativas:

A primeira seria as seções paralelas ou independentes, em que um Grupo Escoteiro com uma seção feminina realizaria atividades eventuais e progressivas com a Seção Masculina. A segunda, denominada seções integradas, agregaria meninos e meninas em uma mesma tropa, mas em patrulhas ou matilhas distintas por sexo. A terceira, chamada seções mistas seriam formadas por equipes mistas com equilíbrio numérico entre meninos e meninas, com Chefia Mista (SANTOS; LESSA; SANTANA, 2011, p.8).

Atualmente, no Escotismo meninos e meninas vivenciam uma coeducação plena, contudo, a UEB permite a existência de tropas masculina e feminina, a escolha será do Grupo de Escoteiro. O Movimento Bandeirante também adotou a coeducação, passando a oferecer educação não formal para ambos os sexos.

### **Conclusões**

O Escotismo, idealizado por Baden-Powell, como método educacional para desenvolver o caráter dos jovens ingleses, vai ser, desde os seus primórdios, caracterizado como um Movimento tipicamente masculino, atrelado ao corpo e a virilidade.

Apesar disso, as meninas vão reivindicar um lugar para elas dentro do Escotismo. A solução encontrada por Baden-Powell foi a criação do Girl Guides, que no Brasil vai ser denominado de Movimento Bandeirante, para elas, assim, elaborou um método similar ao dos escoteiros, que enfatizasse o desenvolvimento do caráter e da cidadania, contudo este deveria estar mais centrado em atividades que desenvolvessem habilidades, tais como, higiene, saúde, primeiros socorros dentre outras. A criação do Movimento Bandeirante vai caracterizar dentro do Escotismo, uma separação de gênero, evidenciando deste modo, que o Escotismo, como um espaço de educação não formal, refletia os discursos do poder dominante, responsável pela construção dos sujeitos e pela demarcação dos espaços denominados de masculino e feminino.

Somente com o processo de coeducação se possibilitou pensar a junção de meninos e meninas no Movimento Escoteiro, contudo essa coeducação ocorreu de maneira lenta.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Consideramos ainda que, a mulher teve que passar por um longo processo para que o Movimento Escoteiro se adequasse ao novo papel social da mulher, que foi ganhando novas nuances a partir das primeiras décadas do século XX, permitindo que aos poucos a mulher adentrasse os espaços que antes eram tidos como tipicamente masculinos, a exemplo, do Movimento Escoteiro.

### Referências Bibliográficas

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. *A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor*. Revista Jamboree, jan. de 1923. Reedição 1993.

\_\_\_\_\_. *Escotismo para Rapazes*. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).

\_\_\_\_\_. *Guia do Chefe Escoteiro*. Tradução Gen. Leo Borges Fortes. 7.ed. Curitiba: Ed.Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lições da Escola da vida: autobiografia de Baden-Powell*. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1986.

BLOWER, Bernard David Almirante. *História do Escotismo Brasileiro: Os primórdios do Escotismo no Brasil*. Vol. I- 1919-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1994.

BOULANGER, Antonio. *O Chapelão: Histórias da vida de Baden-Powell*. 3 ed.- Rio de Janeiro. Letra Capital, 2011.

CARVALHO, Samara dos Santos. *O Movimento Bandeirante e as relações de gênero no contexto social brasileiro do século XX*. 2014, 191. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 9. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71-83, mar. 2010.

HOBBSAWM. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 6ª ed., 2002.

LOURO. Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: 1997.

\_\_\_\_\_. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del e BASSANEZI, Carla (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Autentica. Belo Horizonte, 1999.

NAGY, Laszlo. *250 milhões de Escoteiros*. Rio Grande do Sul: União dos Escoteiros do Brasil, 1987.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. *Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)*. 2004, 173f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

SANTOS, Aldenise Cordeiro. O “Scouting for boys” abre para mulheres: a implantação da coeducação no escotismo brasileiro. *Cadernos de História da Educação* -v. 12, n. 2, jul./dez. 2013.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; LESSA, Livia Lima; SANTANA, Anthony Fábio Torres. *Mulheres nas tropas escoteiras: um movimento para pensar a coeducação no escotismo*. In:.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Anais do V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão - SE: Universidade Federal de Sergipe - UFS, 2011. p. 01-12.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SOUZA, Marcio Ferreira de. *Sempre Alerta: O Movimento Escoteiro e suas relações com o corpo, o jogo e a educação*. 2014 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências da Saúde. Piracicaba.

UEB (União dos Escoteiros do Brasil). *As Características essenciais do Escotismo*. Tradução e adaptação: Fernando Brodeschi e Melissa Martins Casagrande. Curitiba, 2005.

\_\_\_\_\_. *Programa de Organização e Regras (POR)*, 2008.